



Cantando a toda a gente

Sob o lema "Ser Poeta é Ser mais Alto", um sarau literário assinalou mais uma vez o Dia da Escola Portuguesa de Macau. Duas centenas de alunos da casa cantaram os nossos maiores poetas para uma plateia à cunha que não regateou aplausos.

Páginas 10, 11 e 12



Romagem do 10 de Junho

A Escola Portuguesa voltou a estar presente na tradicional romagem à Gruta de Camões. Um simbolismo que se renova a cada ano que passa.

Página 13

Destques

Concursos

Promoveram-se ao longo do ano nas mais diversas áreas, da declamação à escrita, passando pela dança. Os premiados são agora apresentados nesta edição.

Págs. 2 e 3

25 de Abril

Manuel Freire e Garcia dos Santos estiveram entre nós para falar de Abril. O primeiro na sua qualidade de trovador da revolução, o general para contar como se derrubou a ditadura.

Págs. 4 e 5

Dia do Inglês

Foi a estreia do ano. E dificilmente podia ter sido mais feliz. Dramatizações, danças e cantares e muito mais transmitiram à festa uma invulgar animação.

Págs. 6 e 7

Entrevista

Frank Regourd explica ao Tempus e Modus o que é ser fotógrafo em Macau, para quem de França veio aqui parar há uma dezena de anos.

Pág. 8

Editorial

A união faz a festa

Assistimos no dia 7 de Junho a um bom exemplo de solidariedade em prol de um objectivo comum. Homenagear os escritores de língua portuguesa, num serão onde alunos do primeiro ciclo ao ensino secundário vestiram as máscaras mais diversas e eram um só.

Nem sempre foi fácil. Nada fácil. Os ensaios, as horas por cumprir, os atrasos, as reclamações, as desculpas. O texto por decorar, a falta de tempo. O cenário, o guarda-roupa, as luzes. As marcações no palco, o som, a música certa. E se não se acertava, a raiva, o suor da estreia, o medo. O tempo escapava e os testes eram no dia seguinte, primeiro para uns, depois para outros e mais outros. E os exames são já no dia dezassete.

Feitas as contas, estavam perto de duas centenas de alunos envolvidos e doze professores de vidas e horários desencontrados, num crescendo de ideias e choques de emoções. O que é que falta? O que é que eu posso fazer mais? O vestido está curto. Faz-se um folho por baixo. Não tenho roupa. Faz-se uma saia com este pano velho. Elástico daqui, elástico dali, mais um galão. E as mangas? Fazem-se umas de alpercata. Mais elástico, mais galão e nasce uma princesa. Onde é que arranjam uma secretária? Faz-se um encaixe falso. E o chapéu de carteiro? E a cadeira antiga? E a boquilha? Papier maché, papier maché, papier maché. Que mãos de fada!

E depois os textos. Imagina um céu cheio de estrelas. Mas eu não vejo estrelas! Depois, encontrou-as. As vozes eram baixas e projectaram-se. O sentimento era tímido e confessou-se. Os passos eram pesados e flutuaram. A dança era incerta e harmonizou-se. O canto estava preso e soltou-se.

E depois... bem, e depois, aconteceu: da Escola Portuguesa com muito amor...

Ser Poeta é Ser mais Alto!

As Coordenadoras

Exposição da Associação de Justiça



Um grupo de alunos do Secundário, acompanhados pelas professoras Ana

Paula Oliveira e Emília Castro, visitaram em Março último a sala de Exposições do Ministério Público da RAEM. A Associação de Justiça e de Procuradoria de Macau pretendeu assim fomentar e desenvolver o conhecimento do Regime Judiciário de Macau, convidando alunos de várias escolas do Território. ☀

T&M

Os nossos vencedores

Concurso de Dança

Nos dias 13 e 14 de Abril desenrolou-se no Centro Cultural de Macau o XXII Concurso Escolar de Dança. Para saber mais sobre este evento, em que a nossa escola participou, propus ao Jornal entrevistar a professora que, graças ao seu empenho, possibilitou a nossa participação no concurso: a professora Maria José Vaz.

Sendo a segunda participação da escola no concurso, e sendo a única escola não chinesa, as nossas equipas de dança encontravam-se em desvantagem em comparação com as *performances* quase profissionais das outras escolas; no entanto a escola conseguiu um 2º lugar na classe dos mais novos (durante o primeiro dia) e um terceiro lugar na dos mais velhos (no segundo dia), merecido, na minha opinião, tendo em conta o empenho e disciplina desmedidos dos alunos participantes (se ao menos nas aulas fosse assim...). Segundo a professora, há muita coisa envolvida neste esforço conjunto para vencer, muito mais do que apenas uma dança bem coreografada: há as luzes, os fatos, enfim, um mundo inteiro de detalhes que se conjugam para formar a imagem perfeita.

No entanto, passar a mensagem que vinha contida na embalagem não foi tão fácil, segundo a professora Maria José, e apesar da rotatividade dos juizes, muitos deles não estavam familiarizados com a dança folclórica, e foi difícil conseguir que os juizes avaliassem uma actuação fora do seu contexto formal. Entre os juizes estavam vários notáveis, entre os quais uma professora da Companhia de Dança Nacional de Pequim (soa importante, não?).

No primeiro dia, quarenta e oito dos nossos alunos mais novos dançaram e encantaram com danças de folclore e jogos tradicionais, tais como o pião (alguém mais notou o quanto o pião está tão popular hoje em dia na primária?).

No segundo dia, foi a vez dos mais velhos, um conjunto de dezasseis alunos do já afamado 11º A, que dançaram à música de Fausto (tirado do CD *Deste Rio Acima*) e com coreografia da (quem mais?) professora Maria José.

Com esperança em futuras participações, e ainda melhores resultados, despedi-me da professora e esperei não chegar tarde à aula de Português. ☀

Guilherme (T&M)

Concurso de Declamação

No passado dia 5 de Maio, como acontece todos os anos, a Associação de Educação de Macau organizou o 18º Concurso de Declamação onde estiveram presentes alguns alunos da EPM do 1º, 2º, 3º ciclo, assim como do Secundário.

Foi uma tarde um pouco agitada... todos os alunos estavam nervosos, enquanto se concentravam na escola Pui Cheng onde decorreriam as provas. À volta era uma imensidão de alunos de várias escolas do território que se preparavam para declamar poesia em Português, Mandarim e Inglês.

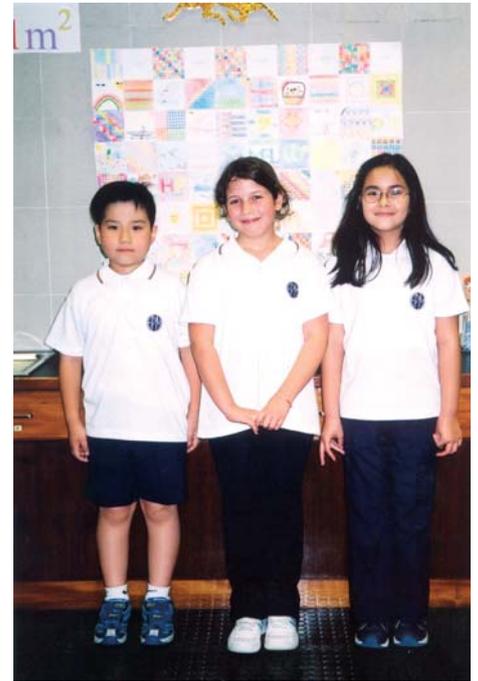
A hora esperada tinha chegado! O 1º Ciclo levou a concurso uma declamação

colectiva e três individuais. Na categoria do 3º ciclo estiveram presentes as alunas Joana Roque e Catarina Paulo do 9º ano entre alguns alunos chineses de escolas com ensino em português. Do secundário tínhamos o aluno João Guedes, do 11º E, e as alunas Ana Carolina Roque e Ana Teresa Ferreira do 12º A. Todos declamaram muito bem, alguns com muita expressividade.

No final receberam os merecidos parabéns e foi altura para a pose fotográfica.

Os resultados foram publicados no dia seguinte, num jornal chinês. Do 1º ciclo os vencedores foram Ana Isabel Duarte do 4º A, que recebeu o 1º

Prémio; o 2º Prémio, foi simultaneamente para dois alunos, um do 3º B, Genésio Gomes Chang e o outro para Sónia Teresa Martins, do 4º A. Do 2º ciclo foi a aluna Joana Costa que recebeu o Prémio de Excelência e do 3º ciclo, Joana Roque, recebeu, também, o



Genésio Chang, Ana Duarte e Sónia Martins

Prémio de Excelência. Catarina Paulo conquistou o 1º Prémio. Finalmente, na categoria do Secundário, João Guedes ganhou o Prémio de Excelência e o 1º Prémio foi alcançado por Ana Carolina Roque e Ana Teresa Ferreira.

Concluindo, valeu a pena a participação da Escola Portuguesa, que, este ano, pela 1ª vez, levou alunos nas categorias de 2º ciclo e Secundário. Digamos que estão todos de Parabéns já que conquistaram os melhores resultados do concurso. 🌟

Catarina Machado (T&M)



João Guedes e Ana Roque, Catarina Paulo, Ana Ferreira e Joana Roque (da esquerda para a direita)

Concurso de Cartas

O 1º Ciclo está de parabéns. Desta feita, os alunos do 4º A arrecadaram os dois primeiros prémios do “Concurso de Cartas ao Pai Natal” promovido pelos Correios de Macau. São elas a Ana Isabel Duarte, que ganhou o primeiro prémio e a Natacha Barreto, o segundo. Resta esperar que continuem somando muitos mais. 🌟

T&M

Feira do Livro

No âmbito do Dia da Criança, as livrarias S. Paulo, Portuguesa e Plaza Cultural vieram para a EPM com livros especialmente para as crianças. Os livros com descontos especiais foram destinados não só aos pequenos leitores mas também aos jovens.

Os balcões de venda ficaram cheios de livros, desde contos infantis até li-

vros pedagógicos, para além de dicionários, bandas desenhadas, livros de ficção científica, de cultura geral e até de gastronomia.

As publicações mais vendidas foram “O Clube das Amigas” (para as raparigas), livros de aventuras (para os rapazes) e a colecção do Harry Potter (para todas as idades). 🌟

Jill Castilho (T&M)

O Dia da Liberdade na EPM



O Tenente Coronel Galdes e o General Garcia dos Santos (à direita) e representantes da escola e da Casa de Portugal

Como em todas as datas memoráveis houve uma exposição no átrio, sobre o 25 de Abril, feita pelos alunos do 9º ano. Esta exposição deu-nos uma visão global sobre o ante e o pós 25 de Abril. Destacam-se vários temas como “O Estado Novo”, “A Repressão”, “A Guerra Colonial”, “A Revolução” e o “Os Prós e os contras do 25 de Abril”.

Esta exposição, simples mas cheia de simbolismo, onde os cravos predominavam, serviu para dar um conhecimento mais pormenorizado aos mais curiosos sobre a “nossa” revolução dos cravos!

A primária também se fez notar expondo uns trabalhos simples mas dignos da sua idade mostrando-nos que o 25 de Abril não lhes passa ao lado.

Uma vez que um filme é mais acessível e interessante do que uma mera exposição, foi exibido, no Auditório da EPM, pelas 14:30, o conhecido filme “Capitães de Abril”, que nos dá uma visão romaneada do que foi o 25 de Abril.

Protagonizado e realizado por Maria de Medeiros, este filme conta com a actuação de conceituados e conhecidos actores portugueses como Joaquim de Almeida.

Não sendo um relato fidedigno, o filme representa pequenos momentos-chave da revolução, como a tomada da Rádio Difusão Portuguesa e do Quartel do Carmo. Para além de nos mostrar “que as pessoas revolucionárias tam-

bém tinham sentimentos como nós” – como disse o Tenente Coronel Galdes – mostra, também, o lado militar do 25 de Abril.

Os nossos mimosos heróis arriscaram tudo, deixaram tudo para trás para implantar em Portugal o regime maravilhosas que a população portuguesa tinha vindo a desejar sem lhes ser concebido o direito de o dar a conhecer ao mundo.

Há uma ou duas cenas que nos dão uma ideia ridicularizada ou talvez fictícia da nossa revolução. O facto de a certa altura os tanques e carros de tropa terem parado no semáforo vermelho, mostra como o povo português é civilizado e inocente ao ponto de, numa revolução, cumprir as normas de trânsito. Esse episódio fantasiado é apenas uma maneira de mostrar a passividade e a pouca vontade que o povo português, em si, fosse prejudicado.

Salgueiro Maia e Otelo Saraiva de Carvalho foram nomes notáveis, pois deram corpo e alma por esta revolução que há muito vinha a ser preparada.

Após a exibição do filme, tivemos a amável visita de dois grandes senhores da revolução, o General Garcia dos Santos e o Tenente Coronel Galdes que estiveram presentes no auditório, pelas

17 horas, e se disponibilizaram a responder a quaisquer questões sobre o 25 de Abril. Partilharam connosco algumas das suas aventuras, desde reuniões secretas até ao dia D.

A revolução não foi feita em vão, o MFA tinha a política dos 3 D’s: democratizar, descolonizar e desenvolver.

“O 25 de Abril, para mim, é uma alegria muito grande. Ainda me arrepio ao ouvir a canção “E Depois do Adeus” de Paulo de Carvalho – disse-nos, a certa altura, o simpático General Garcia dos Santos.

Explicou-nos que o seu papel no 25 de Abril foi preparar a ordem de operações, e disse-nos igualmente que não foi fácil, visto que trabalhar ilegalmente nunca é fácil!

Do filme não nos disse nada, mas, para grande espanto dos presentes afirmou nunca o ter visto porque acha que é um filme sobre um acontecimento histórico demasiado recente e as pessoas podem interpretar mal a mensagem com tanta ficção à mistura.

Referiu um filme passado na SIC, no ano de 1999, filme esse que 25 anos depois tentou reproduzir o que foi o 25 de Abril, de forma fidedigna.

O Coronel Galdes afirmou que, no filme “Capitães de Abril”, as cenas que



se referem à tomada do Quartel do Carmo e a uma das estações de rádio estavam até bastante realistas.

Pergunta puxa pergunta e ficámos bastante tempo “à conversa”, tendo o tema rodado à volta do que foi o 25 de Abril e o que é a liberdade...

Acabou assim o nosso 25 de Abril na escola tendo ficado uma promessa: para o ano veremos o filme da SIC! 📺

Marta Castro (T&M)

À conversa com Manuel Freire no auditório da nossa escola



Cantor de Abril

vés dela que Freire ouvia as canções que falavam sobre a realidade.

Estava a tirar o curso de engenharia quando foi chamado a cumprir o serviço militar, que era obrigatório. Alguns não o faziam com a desculpa dos estudos, mas Freire lá foi. Quando terminou o serviço militar, por volta dos 22 anos, já não acabou o curso de engenharia e começou a trabalhar na área da informática. Nessa altura só fazia as suas cantigas nos tempos livres. Mas como o Estado não gostava do conteúdo das suas com-

posições, daquelas que falavam sobre a “realidade”, tinha de as cantar às escondidas.

Ele e outros jovens músicos da época tudo o que gostavam de falar era da guerra, da falta de direitos, da censura que havia nos programas de rádio, nos jornais e nos livros, dos bairros negros, enfim, de coisas reais. Coisas que os políticos da altura achavam impróprias para serem divulgadas. Com tanta proibição como é que se reuniam? – perguntou alguém.

Normalmente, fazia-se passar as notícias das reuniões de “boca em boca”, porque não se podia usar qualquer tipo de propaganda e assim conseguia-se juntar um grupo razoável de pessoas, durante pelo menos uma hora, até à intervenção da polícia que acabava sem-

pre por descobrir estas reuniões clandestinas.

Manuel Freire participou no Movimento Democrático Português, que tinha como objectivo a luta contra o regime fascista da época “e assim se foi andando até 1974”.

Em 1999, cansado de trabalhar, passou a dedicar-se unicamente às suas músicas, ao que realmente lhe dava gozo. Deixou-nos a ideia de que “nunca é tarde para fazer o que a gente realmente gosta”. Como influência poética cita, em particular, o nome de Rómulo de Carvalho, ou seja, António Gedeão.

Manuel Freire gosta do contacto com o público, gosta de saber que está a falar ou a cantar para alguém, gosta de ver as pessoas com quem está a dialogar. Tornou-se costume também, por altura do 25 de Abril, visitar escolas para conversar com os alunos sobre outros tempos, agora já distantes, mas importantes para a vida que levamos hoje. “As pessoas não se interessam por coisas interessantes, mas são levadas, sim, pelas coisas que não têm importância”, como para nos dar consciência do que era viver naquela altura.

Por fim, contou-nos como viveu o dia da liberdade. “Estava em casa, quando me telefonaram a dizer para eu ligar a rádio, “estava-se a passar algo de estranho”. O telefonema era do meu irmão, que estava relacionado com as Forças Armadas. Depois de eu perceber o que se estava a passar, perguntou-me: “então pá, gostaste da prenda?”...

É que o nosso amigo Manuel Freire faz anos no dia 25 de Abril. 🌞

Nádia (T&M)

Nas próprias palavras de Manuel Freire, tivemos de o aturar durante cinquenta minutos.

Ora, na realidade, não foi bem assim, pois o tempo voou e quando demos por nós já era tempo de ir embora.

Contou-nos histórias, falou-nos de coisas que aconteciam antes da Revolução dos Cravos, deu-nos dicas sobre a vida, só não cantou porque não estava programado. Mas nós perdoamo-lo. Foram uns cinquenta minutos muito bem aproveitados.

Tudo começou quando tinha a nossa idade e o pai lhe ofereceu uma viola. Gostava de cantar, gostava de tocar e transmitia esse gosto nas suas cantigas, de composição própria ou de outros autores. A Rádio tinha uma função importante na sua vida, porque era atra-

In English, please...

Celebrou-se já o Dia do Francês e o Dia do Mandarim e, este ano, acrescentou-se ao calendário o “one and only” Dia do Inglês que teve lugar no auditório da escola, nos dias 3 e 10 de Maio.



“A hell of a lesson”

Com a ajuda das professoras da disciplina, os alunos da escola declamaram poemas repletos de imaginação, dançaram ao som de canções melodiosas, actuaram em hilariantes peças de teatro e cantaram de toda alma e coração (com as cordas vocais afinadas), mostrando, desta forma, os talentos que guardavam, tanto como a determinação que tinham em preparar e levar a festa a um bom termo.

Mostrou-se assim a influência que o Inglês tem mundialmente, visto que até portugueses se juntam para festejar esta língua que, embora nada tenha a ver com a nossa cultura, está presente no nosso quotidiano.

Como se disse anteriormente, o Dia do Inglês, em que também se preparou uma exposição, exibindo trabalhos feitos por alunos de várias turmas que falavam acerca de países de língua inglesa, foi marcado por várias actividades que duraram, ao todo, mais de três horas.

A primeira parte foi dedicada aos mais pequenos que foram igualmente intervenientes, tendo sido representadas quatro pequenas peças por duas turmas do 5º ano; houve também um pequeno apontamento musical protagonizado pelos alunos do 4º ano, que cantaram “Head and Shoulders”.

Na segunda parte do espectáculo participaram alunos do 3º Ciclo e Secundário. Houve um momento designado por “Hall of Fame”, onde se apresenta-

ram algumas personagens inglesas e americanas famosas. Uma delas foi Charlie Chaplin, representado por Alexandre Torrão, que imitou o famoso comediante. Marilyn Monroe foi representada por Bruna Pablo, que dançou e cantou “I want to be loved by you” ao mesmo tempo que exibia os passos que aprendeu com Marilyn. Martin Luther King, encarnado em Diogo Marecos, foi outra personagem retratada, com o famoso discurso “I have a dream”; Diogo teve de se pintar para se revelar mais realista e convincente. O famoso cantor

John Lennon voltou a encantar os seus ouvintes com a canção “Imagine”, mas desta vez pediu emprestada a voz de Raimundo Leong e o talento de Igor Amaral, que o acompanhou ao piano. A ex-Primeira Ministra Margaret Thatcher veio até nós para falar um pouco sobre a sua vida e carreira, através de Palmira Pena, que representou bem esta personagem. A Princesa Diana foi a última a ser retratada; Marcela Schmidt refrescou a memória do público trazendo uma curta lembrança da Rainha dos Corações.



Momento da peça “The King of Boonland”, representada por alunos do 5º ano

Passando à parte das danças, “An Englishman in New York” foi uma delas. Apresentada por alunos do 11º A, foi muito apreciada devido à sincronização e criatividade. Para além desta, alguns alunos do 9º ano também decidiram mostrar ao público o que sabiam fazer em “Grease”, lembrando o estilo dos anos 70.

Ainda na segunda parte do espectáculo assistiu-se a duas peças de teatro, uma chamada “A hell of a lesson”, redigida por Jill Castillo e apresentada por alunos do 9º B e C, que simula uma situação de aula cujos alunos apresentam uma postura totalmente inversa da “desejável”. A outra peça chamou-se “General Hospital”, por decorrer num hospital militar. Foi uma comédia inesquecível, onde as personagens, que eram alunos do 11º ano, actuaram bem, mostrando todo o seu talento e criatividade. Tiveram muito sucesso pois o público riu-se bastante. Foram fabulosas as representações de Nádía Martins, André Costa, António Conceição, João Guedes e António Martins. Alguns alunos dos 7º e 8º anos declamaram versos com imaginação e fantasia. Para ilustrar o “Generation Gap”, duas alunas do 9º ano, Marta Castro e Raquel Dias, deram uma visão do comportamento entre mães e filhas, apresentando um pequeno sketch “Mother and Daughter”, enquanto os alunos



“General Hospital”

Carlos Amaral e Rui Marcelo cantaram “Father and Son”, acompanhados pelos colegas André Yee e Bernardo Figueiredo. Encerrou-se o espectáculo com música. Bruna Pablo, Rita Pedro e Catarina Pimentel interpretaram “Thank You”, Cláudia da Silva, “Here with me”, Joana Roque, Catarina Machado e Catarina Paulo, “Eternal flame” e, finalmente, Daniela Gomes com “The colour of blue”.

No intervalo das cenas contaram-se anedotas engraçadas. Participaram Daniel Flores, Bruno Pires e António

Conceição (Kico), que divertiram a assistência com piadas, em inglês, claro!

Resta mencionar Nádía Martins e Guilherme Filipe, os anfitriões do espectáculo, que o apresentaram com uma pitada de comédia e bom humor.

Concluindo, todos actuaram nesta festa muito imaginativa e divertida, deixando a assistência com um sorriso nos lábios. Fica a promessa de mais, no próximo ano.

Please!!! 🌟

Jill Castillo (T&M)

A Friend's Oath

When you are sad...
I will dry your tears
When you are scared...
I will comfort your tears
When you are confused...
I will give you hope
When you are cold...
I will give you a coat
When you die...
I'm going to cry and say forever
I didn't lose you,
you'll never be forgotten
Because you are my friend
and you are in my heart.
This is my oath...
I pledge till the end...
Why do you ask?
Because you are my friend.



Grupo dos alunos participantes no Dia do Inglês

Francisco Figueira, 7º C

Entretien avec le photographe Franck Regourd



O T&M publica um excerto de uma entrevista com o fotógrafo francês residente em Macau há alguns anos. Figura peculiar, que nos habituámos a encontrar em companhia do seu inseparável chapéu, Regourd revela-nos a perspectiva de um olhar atento e perspicaz sobre a Macau dos últimos tempos. A entrevista completa, realizada por alunos de francês será publicada no jornal "Le petit onzième", destinado aos alunos de francês da nossa escola.

Quelles sont les raisons qui vous poussèrent à choisir ce métier?

Depuis l'âge de 7 ans, j'ai toujours eu la vocation de devenir un artiste. Je pense que cela m'était venu à cause des émotions intenses que me procurait la contemplation d'oeuvres picturales, celles de Van Gogh par exemple?... A moins que cela ne provienne en fait de la vive satisfaction que j'éprouvais en dessinant et en peignant?... Je ne découvris la photographie que bien plus tard, bien après que me soit venu le goût pour le cinéma et pour l'écriture. La photo possède son propre langage, comme ses propres spécificités. Son intime relation avec le temps et la mort, serait-ce en cela que je l'ai adoptée, parce qu'elle satisfait certaines de mes inquiétudes, de mes angoisses personnelles?

Quand et comment êtes-vous arrivé à Macao? Dans quelles circonstances?

Ma première rencontre avec Macao s'est faite à la fin du mois de janvier de l'année 1990. Cela se passait à l'époque du nouvel an chinois. J'étais venu rendre visite à mon père qui était établi

ici depuis peu. En ce temps-là, il travaillait pour l'Autorité de l'Aviation Civile de Macao. Il occupait un poste d'Expert Consultant. Il resta à Macao pendant plusieurs années, en fait jusqu'en Juin 1994.

Comment se fait-il que vous habitiez ici depuis si longtemps? Entretenez-vous une relation privilégiée avec Macao?

En effet, cela fait déjà sept années que je me suis établi ici. La raison pour laquelle j'ai choisi de vivre à Macao, est probablement aussi complexe à expliquer que les raisons qui font que l'on aime quelqu'un. Mon sentiment intime est que les gens entretiennent une relation avec Macao très différente de celle qu'ils ont avec Hong Kong. Vivre à Hong Kong est un choix autrement plus objectif que celui d'habiter à Macao. Macao représente une option éminemment personnelle, subjective. Aussi pourquoi Macao, me direz-vous?... Parce que c'est une ville à dimension humaine? Parce que c'est la Chine Latine, ou bien parce que je ne cesse d'être surpris par cette ville, ou tout simplement parce que je m'y sens diablement bien?...

Votre profession est singulière. Pourriez-vous nous dire quels sont vos sujets de prédilection? S'agit-il des gens, des objets, des événements importants, ou l'un ou l'autre, suivant votre humeur ou les circonstances?

Globalement, les gens, le fait humain, m'intéressent beaucoup plus que les objets ou les pierres. Je pense être par exemple un bien piètre photographe d'architecture, quant à l'opposé, mon travail de type anthropologique et mes reportages de rue, sont souvent très appréciés. Les gens, ce sont vous et moi. Ce qu'ils font, le comment et le pourquoi ils font des choses, cela m'apparut toujours plus intéressant que de questionner des objets inanimés.

Quel est votre point de vue sur la variété ethnique que l'on trouve à Macao?

Pour moi, il est clair que quiconque traverse la frontière entre Macao et Zhuhai, est capable de noter la différence. Macao, c'est comme je le disais plus haut la Chine, oui mais la Chine Latine, quand à Hong Kong c'est aussi la Chine, oui mais la Chine anglo-saxonne. Cette diversité ethnique et culturelle, certes avec une dominance chinoise, c'est ce qui fait notre richesse et notre distinction (...) Elle est notre patrimoine commun. Voilà pourquoi il leur incombe également de calmer l'ardeur faussement patriotique de certains éléments ultraconservateurs, ceux qui songent à faire de cette cité une ville indifférente, et ce qui semble paradoxal, désireraient faire de Macao une sorte de colonie chinoise en Chine!... A mon sens, quand il s'agit de Macao, le véritable devoir patriotique en matière culturelle, c'est de maintenir ici des communautés ethniques, des cultures et des langues différentes. Tout le monde sait pertinemment que cette diversité, principalement dans une région aussi petite comme Macao l'est, ne constitue aucune menace ni pour la grande Chine, ni pour son immense culture.

Alunos de Francês, nível 5, do 11º E

Por: Cláudia Brandão e Marcela Schmidt, 12º E

Ao cabo de, no mínimo, doze anos de escolaridade, os finalistas conquistam o direito à mítica viagem à Tailândia. Prémio merecido (ou não!), lá foram eles com a bagagem cheia de sonhos, preparados para, durante duas semanas, inverterem completamente todas as regras. Agora é tempo de balanço...

Eh Thai!!

Palavras que dizíamos com tanto afínco desde o princípio do ano, mas que só se concretizaram verdadeiramente no dia 22 de Março. Foi uma experiência única, louca, alegre, viva... que viagem!!! É sempre óptimo viajar, principalmente quando o fazemos com um grupo de amigos.

À medida que levantávamos voo, sentíamos logo na imensidão do céu um cheiro a aventura e liberdade.

O caminho à descoberta da liberdade total e da conquista de sonhos iniciou-se com a estadia de duas noites em Bangkok, cidade onde efectuámos a visita cultural aos templos e ao palácio do rei, terminando com um tarde no parque de diversões "Dreamland".

A verdadeira viagem aconteceu na ilha exótica no sul do golfo da Tailândia, Koh Samui, onde permanecemos 13 dias.

Durante esses dias, Koh Samui foi o nosso mundo. Horários, almoços e jantares ficaram para lá da nossa mente... o nosso lema era: fazer o que queríamos, quando nos apetecia.

Do nascer ao pôr-do-sol, as nossas actividades resumiam-se a banhos de mar, piscina e sol, compras (por exemplo às 5 da manhã) e momentos ao som do Green Mango seguidos de longos passeios de mota.



Muitas gargalhadas jorraram e muitas amizades se formaram. Ficámo-nos a conhecer verdadeiramente o que tornou esta viagem inesquecível, dela voltámos mais unidos, felizes e descansados... seria caso para dizer que precisávamos de férias das férias.

Antes de terminar este relato resolvemos dar prémios a alguns "viajantes": quarto mais desarrumado - sem dúvida que este prémio vai para o quarto da Rita Sousa, Joana Portugal e Filipa Botelho; miss compras - Cláudia e Marcela (cof cof); quarto que conseguiu estar mais cheio que todos juntos - o do Miguel, Luís Gabriel, Geni e Luís Portugal; miss pequenos-almoços - parabéns à Leila, à Ana Filipa e à Natasha que nunca perderam o pequeno-almoço; óbvio que também tivemos os nossos "pelintras" nos quartos: Augusto e Gonçalo... mas estão perdoados!

E agora uma notinha pessoal para o mister acolhedor Eric...o nosso muito obrigado!

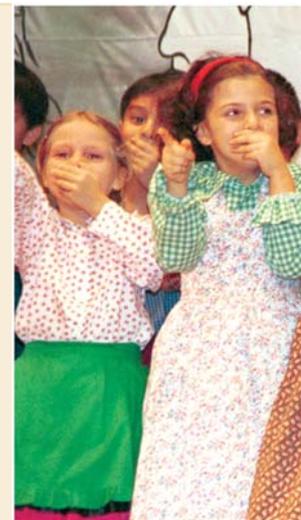
Não tendo mais nada a acrescentar, só nos resta gritar:

E AÍ... E AÍ PANGIAO!! TAILÂNDIA "TOU COM TU"!!! 🌞

De entre momentos inesquecíveis há que revelar certos disparates involvidáveis como por exemplo: "quem perde ganha" (juízo, claro!), "uma árvore histórica" (em vez de genealógica) ou "é uma tatuagem definitiva? então é daquelas que saem" (sem comentários)... houve ainda aqueles enganos que levaram uma certa pessoa a trocar o travão pelo acelerador... ou aqueles que até fazem alguém esquecer o próprio nome quando dizem: "já me chamaram de muita coisa mas nunca de Cláudia"... ou aquela frase típica "vamos almoçar" na hora de jantar!



Os finalistas, em Samui, num dos bungalows



Ser Poeta é Ser mais Alto

Imagine que se chegam a si e lhe dizem “Escreve um artigo de duas páginas sobre o espectáculo 10 de Junho”. E se passado dez minutos dissessem “Um dos apresentadores partiu a perna, podes apresentar o espectáculo? Tens uma semana para saber bem o texto”. Pois foi isso que me aconteceu... se bem que não necessariamente num espaço de dez minutos.

De qualquer maneira, aqui estou a escrever-vos sobre o mesmo espectáculo que ajudei a apresentar.

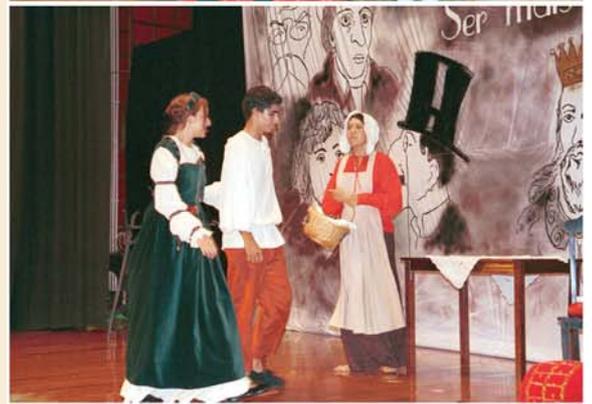
Como forma de assinalar o 10 de Junho de Macau, o espectáculo “Ser Poeta é Ser mais Alto” realizou-se no Politécnico de Macau, por volta das 20:00, por um espaço de mais de dois meses de preparação.

Organizado pelos professores da EPM, com a ajuda dos professores de Física, por terem contribuído com as aulas, e de alguns professores de Português, o espectáculo juntou alunos de várias disciplinas, numa sentida homenagem à língua portuguesa, em comemoração do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas.

O espectáculo consistiu numa apresentação poética, invocando mais uma vez a importância dos escritores portugueses na cultura portuguesa. Desde a poesia tradicional portuguesa, até aos poemas modernos, pelos patrióticos versos de Camões.

Apresentado pelas alunas Cláudia Brandão e Catarina, com a poesia trovadoresca “Te com uma cantiga de Amália”, em todas três, ai amigas”, em homenagem às belas e graciosas raças.



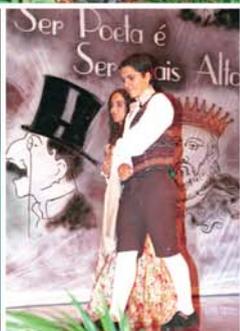


...ar o Dia da Escola Portu-
 ...ectáculo intitulado “Ser
 ...alizou-se sexta-feira, sete
 ...o auditório do Instituto
 ...oduto final e culminante
 ...e ensaios exaustivos.
 ...essores de português da
 ...professores de Educação
 ...ouído para as coreografi-
 ...es de Educação Visual, o
 ...s de todas as idades numa
 ...teratura portuguesa, em
 ...Portugal, de Camões e das
 ...as.
 ...e num passeio pelo tem-
 ...vez as palavras imortais
 ...es que ecoarão pela eter-
 ...ovadoresca na origem da
 ...Romantismo, passando
 ...de Camões.
 ...nas Ana Teresa, Ana Ro-
 ...por mim, o serão come-
 ...resca, mais precisamen-
 ...Amigo: “Bailemos nós já
 ...m que pudemos ver e ou-
 ...aparigas dos nonos anos.

Ainda na poesia medieval pudemos ouvir Gui-
 lherme Martins (não confundir), do nono também,
 a declamar a poesia palaciana “Senhora partem tão
 tristes” num ambiente que nos leva ao tempo de
 reis, condes e cavaleiros.
 Depois tivemos um espectáculo de movimento,
 som e luz com elementos do 11º ano B e D, expri-
 mindo-se através dos seus corpos (não é tão mau
 como parece) ao som de “Saudades” da banda Sé-
 tima Legião.
 Um dos momentos mais aplaudidos pelo públi-
 co foi a farsa de Gil Vicente, *o Auto da Índia* que
 provou ser intemporal pelos risos do público. A
 recepção do público foi, sem dúvida, devida às ac-
 tuações excelentes de Inês Frederico, Duarte Ma-
 chado, Palmira Pena e o pequeno *cameo* de
 Daniela Gomes como *Lemos*.
 De seguida invocámos as palavras eternas do
 Príncipe dos Poetas, Luís Vaz de Camões, na for-
 ma de três representações: na primeira vimos, o
 que na minha opinião é a maior história de amor
 portuguesa, de tal modo que acho que Romeu e
 Julieta são o D. Pedro e D. Inês ingleses (ou italia-
 nos, se preferirem) e não o contrário. Extraído de
Os Lusíadas foi declamada (com acompanhamen-

Continua na página 12





to visual) parte de Inês de Castro, pelos alunos do 8º ano.

A seguir, um poema da Lírica Camoniana, “Sete Anos de Pastor Jacob Servia”, declamado por Rodolfo Ávila e Miguel Morgado.

Finalmente, e terminando a 1ª parte do espectáculo, foi um excerto do famoso Canto IX d’ *Os Lusíadas*, A Ilha dos Amores, interpretado pelo quinto ano e declamado por Joana Costa.

A segunda parte começou com um momento folclórico de dança com os 3º e 4º anos a mostrar as suas habilidades.

André Costa e Filipa Lopes apresentaram-nos depois um soneto de Bocage, “Olha Marília, as flautas dos pastores”, excelentemente representado, na minha opinião.

Passámos para um poema de Almeida Garrett, com *Os Cinco Sentidos*, por alunas do 9º B, C e D.

Foram também os alunos do 9º ano que abalaram o auditório com uma espantosa dança, acompanhada da música “Fim do Mundo” da Ala dos Namorados.

Leila Manuel e Zoé do Rosário trouxeram-nos as palavras de Eça de Queirós na forma do suicídio de Pedro da Maia, da sua famosa obra, *Os Maias*.

A seguir, e ao bom estilo da *Broad-*

way, foi a “Marcha dos Desalinados”, uma dança elaborada, bem coreografada e que causou grande impressão nos espectadores, acompanhada da música dos Delfins do mesmo nome.

Uns momentos a seguir deambulámos nas Cartas de amor de Fernando Pessoa, lidas e declamadas por Catarina Pessoa e Sara Ribeiro, que nos fizeram desejar ser, mais uma vez, ridículos.

As temperaturas subiram com o Tango do 11º e 12º, onde vimos os *señores* e *señoritas* numa dança *muy caliente*. Não ficou atrás, em temperatura emocional, o poema Adeus de Eugénio de Andrade, por Nádia Martins e João Guedes, num momento romântico que faria o coração mais frio chorar desalmadamente.

Aproximámo-nos do fim com mais um momento musical, desta vez, totalmente interpretado pelos alunos. Com a incrível voz de Madalena Duarte, acompanhada pela apresentadora Ana Roque, o violino de Bernardo Figueiredo e guitarra de André Yee, ouvimos os quatro tecer a melodia do poema de Florbela Espanca, *Ser Poeta é Ser mais Alto*.

No final, os quatro apresentadores aproveitaram para apresentar um agradecimento secreto aos professores, chamando-os para o palco onde foram calorosamente recebidos.

E foi nestes traçados que se passou o espectáculo comemorativo do 10 de Junho e do Dia da EPM, não sem as suas falhas e fífias, mas, no fim, uma grande noite, digna de memória, assim como o são todos os escritores recordados. ☀

Guilherme Filipe (T&M)

Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas



Na manhã do dia 10, uma parte da comunidade portuguesa residente juntou-se, no Jardim Camões, para participar na tradicional romagem à gruta do poeta. O Grupo de Folclore da Escola Portuguesa, neste momento carregado de simbolismo, cantou e dançou temas populares portugueses, criando assim um ambiente lusitano. Estiveram presentes algumas escolas de Macau, bem como o Cônsul-Geral de Portugal, Carlos Frota, o Secretário de Estado Adjunto do Minis-



Declamação do soneto “Alma minha gentil que te partiste”, pelas escolas Portuguesa de Macau e Escola Secundária Luso-Chinesa Técnico-Profissional

tro da Presidência, Feliciano Duarte, a Presidente da Escola Portuguesa de Macau, Edith da Silva, entre outras individualidades locais. Foi declamado o soneto “Alma minha gentil que te partiste”, em português por alunos do 9º ano da nossa escola e, em cantonense, por estudantes da Escola Secundária Luso-Chinesa Técnico-Profissional.

Os Escuteiros Lusófonos marcaram o percurso até à gruta, onde foram depositadas, por diversas instituições de ensino, coroas de flores. 🌸



De pequenino se aprende uma tradição que vem de longe

Por: **Miguel Morgado, 9º B**

Acordei de manhã, estava excitadíssimo... era o meu primeiro dia de aulas do primeiro ano da primária. Tomei um banho rápido, lavei os dentes e vesti-me. Depois fui à cozinha, onde já estava preparado o meu chocolate quente. Bebi tão rápido que até queimei a língua. De seguida fui a pé de casa à escola, de mão dada com os meus pais, um de cada lado.

Finalmente cheguei à escola. Era enorme, pintada de uma cor rosada. Entrei e senti logo o pó do giz. Fui andando pelos compridos corredores até que cheguei à sala onde passaria o ano inteiro.

A sala cheirava a velho, devia ser das cadeiras, mas o que é certo é que foi um cheiro que, nem sei como, me incentivou. Já estavam sentados alguns dos meus amigos que eu já conhecia e outros que eu nunca tinha visto. Lembro-me que, no canto da sala estava sentada uma rapariga que me chamou logo à atenção. O nome dela era Joana, Joana Silva. Era loira, de olhos azuis, muito bonita e por isso é que me senti ao lado dela. Mas antes disso despedi-me dos meus pais o que foi difícil, mas com o sentimento de admiração pela escola e a vontade de começar um ano lectivo que estava presente no meu coração, foi mais fácil.

Depois mudei para o Liceu: “a escola dos grandes”.

Nesse ano conheci novos colegas que marcaram a minha vida. Até conheci uma rapariga com quem, alguns anos depois, viria a ter uma relação relativamente séria.

Por: **Germano Bibi, 9º B**

Nestes nove anos de estudo senti-me muito feliz por conhecer novos amigos e professores. Frequentei várias escolas tais como a Escola Gonzaga Gomes, a Escola Primária Oficial, o Liceu e a Flora. Actualmente estudo e espero continuar a estudar, até ao décimo segundo, na Escola Portuguesa de Macau.

Das professoras que tive durante estes anos, há uma de que eu tenho muitas saudades. É a professora Ana Bouça, porque ela foi a professora que eu tive durante três anos lectivos. Esta professora era muito simpática e despertou em mim o respeito e compreensão pelas outras crianças. Foi ela que me entusiasmou e ajudou a participar na décima nona Gala Internacional dos Pequenos Cantores, onde eu e muitas cri-

Da segunda à quarta classe a matéria ia ficando gradualmente mais complicada mas não era nenhum pesadelo.

No quinto ano, passei para a outra parte do liceu, pertencendo ao “grupo” dos mais velhos. Aí é que eu comecei a ficar mais preocupado, pois a transição da quarta classe para o quinto ano era significativa. O nível de dificuldade era muito superior, mas fui-me habituando.

No sexto ano mudei de escola, desta vez para a Flora, juntamente com o grupo dos meus melhores amigos, incluindo

a Joana. Foi lá que conheci um rapaz que até hoje tem sido o meu melhor amigo, o Rodolfo. Ele era extrovertido e cómico.

Esse foi o ano em que mais me diverti porque foi o último ano como “criança”.

No sétimo ano mudámos novamente de escola, para a escola em que estou a estudar agora. Nesse ano não houve nada que me tivesse marcado.

No ano seguinte comecei a crescer e a desenvolver-me não só fisicamente mas principalmente em termos de maturidade com o começo da minha relação

com a Sofia, uma rapariga que mudou muito a minha maneira de pensar e de ver as coisas. Amei-a verdadeiramente mas depois cometi um erro tremendo ao acabar a minha relação com ela no presente ano.

Ao longo do ensino básico eu mudei muito, a minha personalidade, a maneira de lidar com as pessoas e a maneira de pensar. Aprendi a escrever, a ler e aprendi a amar.

anças de várias nacionalidades cantámos a favor de Unicef. Eu cantei uma canção em patuá que foi bastante aplaudida.

Na generalidade não tenho tido grandes problemas no estudo a não ser no sétimo ano na disciplina de Inglês, já que anteriormente nunca tinha tido esta disciplina nas escolas que até aí frequentei. Eu tinha vindo a acompanhar colegas que já tinham dois anos de estudo desta disciplina. Senti várias dificuldades que ultrapassei. Agora já consigo ter testes satisfatórios e consigo também perceber oralmente alguma coisa dessa língua.

Tenho a certeza de passar para o décimo ano e, por isso terminarei o ensino básico, entrando no Ensino Secundário e numa nova etapa da minha vida escolar.



A criança

Crianças saltam à toa
 correm, brincam, riem
 de alegria estampada no rosto
 pensando numa grande fantasia.
 Felicidade reflectida no coração
 crianças feitas de esperança
 almas repletas de inocência
 des preocupadas,
 na sua animação desmedida
 vivem a satisfação da vida.

texto colectivo do 7º C

Despida, amarrada ao chão,
 Perante um público desconhecido
 Estimada dor, bela paixão
 Uma folha, um poema perdido.

Despida , de carácter envergonhado
 Perante um público desconhecido
 Amarrada ao chão, pecado
 Seguindo um rumo sem sentido.

Solta as amarras, vergonha,
 Leva-me até ao céu
 Escuridão, solidão medonha.

Doentia , louca paixão
 Provo o brilho dos olhos teus
 Frustrado amor de perdição.

Sara Ribeiro, 11º A

Poema perdido

Amar

Quando olhei nos teus olhos
 Vi o reflexo das estrelas
 Quando te foste embora
 Perdi-me na escuridão
 E nas lágrimas dos meus olhos

Fiquei com medo, uma criança
 Perdida, sem nada
 Sozinha, num lugar cheio de gente

Mas essa dor passou, tudo passa
 Vi outros olhos, outra luz
 Agora esta dor que me mata
 Que queima, é a dor de amar
 Amar incondicionalmente
 Amar sem medo
 Amar sem saber porquê
 Amar simplesmente,
 Mas amar sem o ter presente
 Amar sofrendo e saber que ele
 Também sofre
 Essa e a minha dor.

Mas eu não quero que isto
 Passe como tudo passa
 Eu só o quero aqui
 Nos meus braços
 A vida sem dor, não é vida
 E eu quero amar,
 E quero estar viva!

Sofia Cohen



ilustração por Cora Fernandes, 12º B



O 25 de Abril foi a revolução dos militares ou a revolução dos cravos, como muitos lhe chamam. A revolução foi feita por um grupo de capitães, apoiados por alguns oficiais-generais.

A revolução foi feita porque o povo e os militares estavam descontentes com a situação política e militar de Portugal.

Nesse dia, os militares tomaram conta do poder e atravessaram as ruas com cravos nos seus equipamentos de guerra, oferta das pessoas que estavam nas ruas a celebrar a vitória.

Agora, anualmente, é celebrado o Dia 25 de Abril por todo o povo português.

Tiago Garcia, 4º A

Quando

Quando for grande, eu gostava de ser médica.

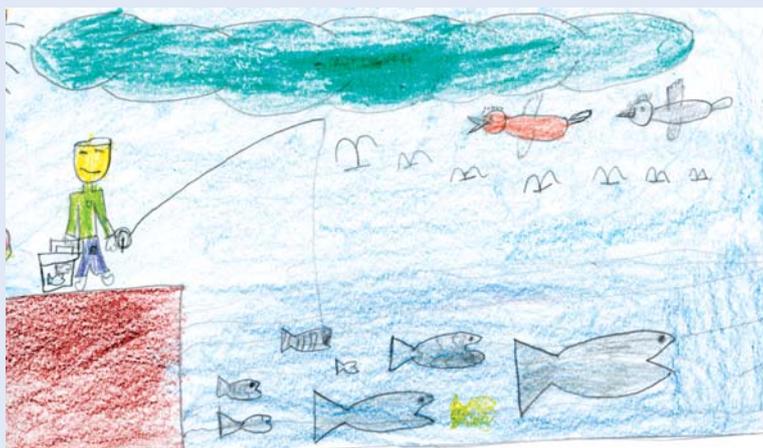
Ser médica é poder ajudar as pessoas a curarem-se das doenças, é poder tratar dos meninos pequenos que precisam de muita ajuda e amor, é poder fazer bem aos outros.

Como médica posso passar receitas para as pessoas tomarem os seus medicamentos, posso acompanhá-los no hospital, posso brincar com os mais pequeninos que estão na cama.

Ao ser médica, posso conhecer o corpo humano que é bonito e aprender muita coisa mais. Posso fazer operações, tirar radiografias para ver o que tem no corpo, tirar sangue, etc. Se tiver algum osso partido, a pessoa fica no hospital ou então põe gesso, se não for muito grave.

Quando for médica, terei de trabalhar toda a noite para ver os doentes que vão ao hospital mas às vezes não vou precisar de ficar todo o dia porque vêm outros trabalhar.

Daniela Atraca Gonçalves
2º ano, Turma B
nº 1



o pescador

Quando eu for grande eu quero ser um pescador
eu gosto de ser pescador porque gosto de pescar
os peixes.
O pescador pesca com a cana de pesca -
ele vai no barco até ao meio do mar
ele pesca peixe para comer.

Luís Gomes
2º A

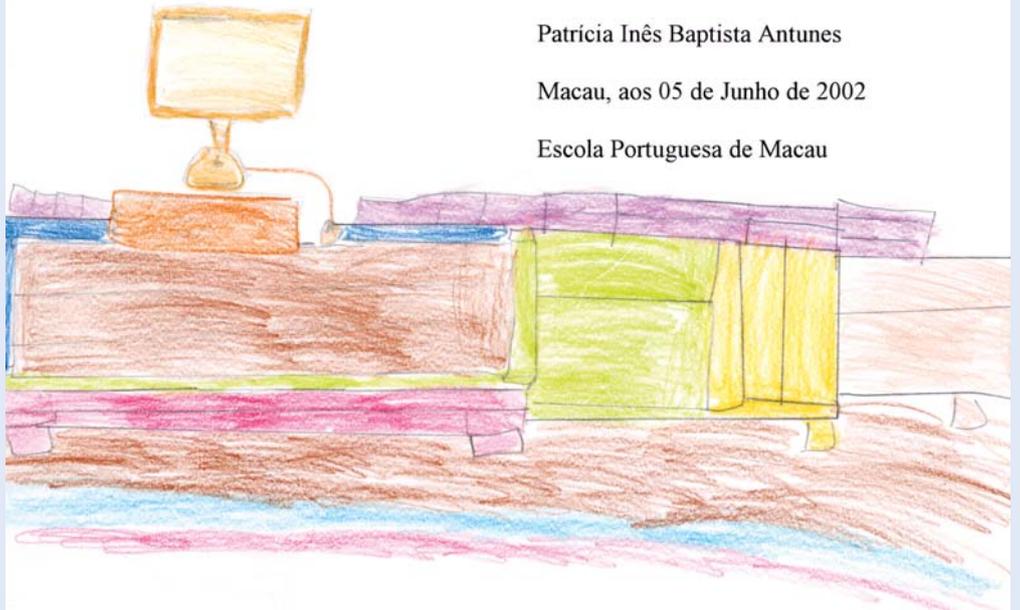
for

Quando eu for grande quero ser uma Professora de Informática, porque gosto muito de trabalhar no computador.

Eu gostava de ensinar aos meninos que não sabem mexer no computador.

O computador é uma máquina muito útil, porque no computador podemos descobrir coisas maravilhosas.

Para ser uma Professora de informática tenho que estudar muito para ensinar tudo o que sei aos meninos.



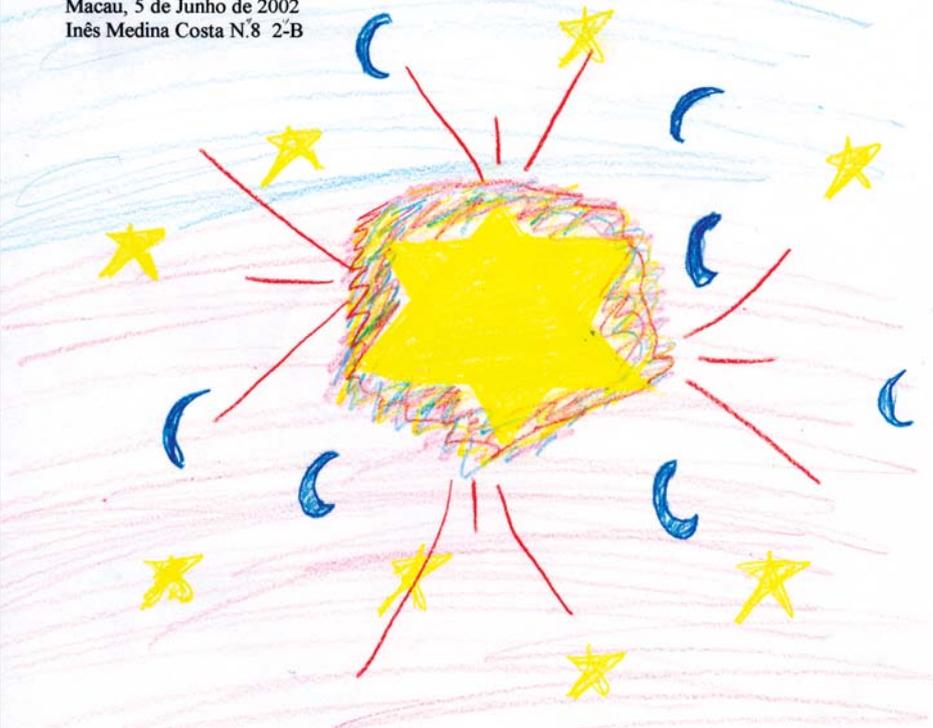
Patricia Inês Baptista Antunes

Macau, aos 05 de Junho de 2002

Escola Portuguesa de Macau

Quando eu for grande quero ser professora, porque gosto de ensinar os meninos. Também gosto de escrever no quadro, gosto de dar as fichas de avaliação e gosto de corrigir matemática, gosto de fazer jogos com os meninos, também gosto de ensinar estudo do meio e português, gosto de enfeitar a sala e fazer trabalhos manuais. Eu também gostava de ser cabeleireira, porque gosto de fazer penteados e gosto de mexer nos cabelos e de pentear as outras pessoas, gosto do cheiro dos shampôs, de pintar as unhas, a cara e o cabelo, gosto muito de inventar penteados. Eu gostava também de ser escritora para poder escrever aventuras.

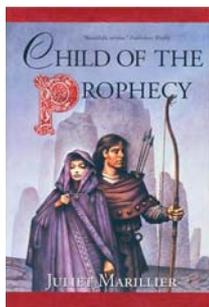
Macau, 5 de Junho de 2002
Inês Medina Costa N.º 8 2-B



G
r
a
n
d
e

Título:
*Trilogia
Sevenwaters*

Autora:
*Juliet
Marillier*



Será possível um livro de 400 páginas ser lido num fim-de-semana? Juliet Marillier mostrou-nos que sim. Com esta trilogia, Juliet conquistou e encantou muitos jovens... principalmente raparigas.

Trata-se de três livros: I – *A Filha da Floresta*; II – *O Filho das Sombras*; III – *A Criança da Profecia* (a publicar em português no final de 2002).

Considerado o melhor romance celta desde *As Brumas de Avalon*, estes livros relatam os muitos mistérios escondidos nas florestas de Sevenwaters.

A Filha da Floresta é o primeiro livro desta trilogia que revive as lendas da mitologia celta. Passada no crepúsculo celta da velha Irlanda, quando mito era a lei e a magia uma força da natureza, esta é a história de Sorcha, a sétima filha de um sétimo filho, o soturno Lorde Colum, e dos seus amados irmãos. É Sorcha que sozinha sai do único lugar seguro (Sevenwaters), que sempre conheceu, e embarca numa viagem cheia de dor, perda e terror. Tudo isto para salvar os seus seis irmãos (Liam, Diarmid, os gémeos Cormack e Conor, Finbar e Padriac) de um terrível feitiço que quase destruiu a sua família. No entanto, quando ela é sequestrada, pelas forças inimigas e levada para uma terra estrangeira, parece não haver nenhuma maneira para Sorcha quebrar o feitiço que condena todos os que ama. Mas a magia não conhece limites, e, mais tarde, Sorcha terá que escolher entre a vida tranquila que noutros tempos teve e um amor que somente acontece uma vez na vida.

O Filho das Sombras centra-se em Liadan (a filha de Sorcha) e no seu encontro com o misterioso Homen Pintado, que revela ser um homem nada pa-

recido com a lenda. É a segunda geração de Sevenwaters, que durante algum tempo, viveu num clima de felicidade e prosperidade.

Neste livro, o destino proposto pelas Criaturas Encantadas é desafiado. Para além da história de Liada, conta-nos também a história dos seus irmãos: Sean, seu irmão gémeo, que se vê obrigado a ser senhor das suas terras ainda novo; e Niamh, irmã mais velha, que sucumbe a uma paixão proibida e se afasta da família.

Por fim, temos A Criança da Profecia (que corresponde à terceira geração de Sevenwaters) que, embora ainda não tenhamos lido (será publicado em português no fim deste ano), podemos adiantar alguma coisa. Para contrariar uma antiga profecia, Fainne deve infiltrar-se na família da qual ela e o seu pai se afastaram, para matar a criança da profecia. Mas Fainne fica dividida entre o carinho que, entretanto, tem para com a família que nunca conheceu, e a ameaça de Lady Oonagh em prejudicar seu pai caso se afaste da sua missão.

Concluindo, trata-se de uma trilogia fantástica onde a aventura, o mistério, a magia e o sentimento se conjugam na mais plena harmonia, na qual as mulheres são as verdadeiras heroínas, sobretudo no amor.

Só falta mesmo Enya como música de fundo. ☺

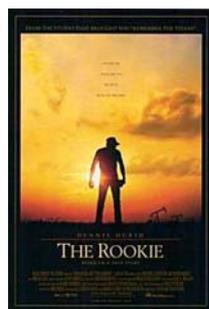
Catarina Sousa e
Maria João Sousa, 11º A

Título:
The Rookie

Realizador:
John Lee Hancock

Porque será que o baseball chama tanto a

atenção dos realizadores americanos? Depois de “Pride of Yankees”, “61 th” e “For Love of the Game”, Hollywood con-



tinua a sua afeição por este desporto com mais um filme sobre esta temática intitulado “The Rookie”.

“The Rookie” conta a história verdadeira da vida de Jimmy Morris, (Dennis Quaid) um professor de Ciências de 37 anos e treinador a meio tempo de baseball que, devido a uma lesão perdeu, no passado, a oportunidade de jogar na “Major League Baseball”.

Enquanto treina um grupo de alunos do liceu onde dá aulas, Morris descobre que o seu constante treino, após a lesão, lhe deu um lançamento de bola mais forte e mais rápido do que quando era jovem. Havia muito tempo que o seu sonho de jogar na M.L.B. tinha sido destruído e, agora, com uma família para sustentar, Morris não tinha coragem de arriscar.

Após grande reflexão, Morris faz um acordo com a sua medíocre equipa de baseball: A equipa começaria a ganhar com o objectivo de alcançar o título de estado e ele tentaria jogar para a liga. Este acordo dá à equipa um tal reforço positivo que a faz ganhar não só o título de estado como também o de Campeão de Distrito, obrigando Morris a não fugir à sua palavra e, por conseguinte, a concretizar o seu sonho.

Realizado por John Lee Hancock (conhecido pelos seus trabalhos em séries de televisão), “The Rookie” é um filme onde se demonstra o amor pela família e pelos outros, ensinando-nos como a humildade é um valor a reter. Dennis Quaid, no papel de Jimmy Morris, e Rachel Grafita no papel de sua mulher garantem a qualidade de um filme onde é eleita a honestidade de um homem que não é movido nem pelo dinheiro, nem pelo êxito, mas sim pelo amor ao baseball.

Para concluir, o filme “The Rookie”, fiel à vida do jogador, prova que por mais que o seu destino o evitasse, o seu sonho não era inatingível. ☺

Diogo Martins, 11º A

Viva Las Vegas

Las Vegas... “Neon’s”, “shows” e “gambling”, três palavras que caracterizam o famoso deserto do Nevada, onde, para mim, existe a mais linda noite que já vi.

A cidade de Las Vegas é visitada por milhares de turistas e, principalmente, jogadores que se deslocam a esta parte do mundo, conhecida como a cidade do jogo, para alimentarem o seu vício.

Começamos por um passeio pela “Strip”, uma estrada mundialmente famosa, pois é nesta que se encontram os famosos hotéis: Bellagio, Mirage e MGM Grand, que apareceram recentemente no filme “Ocean’s eleven”, a sua beleza é tão grande que fazem parar qualquer pessoa para observar todos os mais pequenos detalhes, fazendo com que se tornem em Hotéis de sonho.

Cada hotel se torna especial e diferente de todos os outros pois cada um deles tem o seu tema, como por exemplo o Bellagio (meu favorito), é conhecido pela fonte situada à frente do hotel, onde todas as vezes que começa o espectáculo cibernético se juntam muitas pessoas fazendo com que os arrepios se tornem maiores no meio de tanta beleza; outra das suas qualidades é o belo Jardim Botânico que se encontra

dentro do hotel onde a perfeita combinação de cores e a simpatia são os ingredientes para atrair os turistas.



Outro exemplo é o Mirage famoso pelos seus vários animais como golfinhos (com que eu tive a oportunidade de passar um dia) e leões que se encontram em extinção. Este hotel, como o nome indica, é uma verdadeira miragem, na sua entrada situa-se um lago onde, de

noite, de 15 em 15 minutos, o vulcão, que se situa no centro, entra em erupção, tornando a noite mais escaldante ainda no meio de tanta magia.

As noites de Las Vegas são iluminadas por todos os tipos de “neon’s” que a tornam especial, se se quiser fazer algo mais do que passear, pode-se assistir a vários espectáculos como o famoso “Cirque du Soleil”, todos os tipos de comédias, bailados e magia.

Quando lá cheguei adorei tudo, as pessoas, a energia, o lugar e o clima, por isso aconselho-os a visitarem Las Vegas e a aproveitarem o tempo que aí passaram a verem tudo e se divertirem.

Para os jovens, há muito que fazer, desde ver animais lindíssimos, a andar nas duas montanhas russas (uma numa torre igual à de Macau e outra no hotel New York, New York).

Para os adultos existe o jogo (que não é permitido a menores de 21 anos de idade), os espectáculos e os mais chiques e caros restaurantes.

Páro aqui, deixando que a vossa imaginação conceba o resto e espero que, um dia, possam visitar um sítio tão mágico como este. 🌟

Joana Silva, 9º B



Caloiros...

São cerca de trinta, têm entre cinco e seis anos e, a partir de Setembro, deixarão de ser os finalistas do Jardim de Infância D. José da Costa Nunes para se tornarem os caloiros da EPM.

T&M

Alunos do 1º B visitaram o laboratório de Química

Ver para querer



Os alunos mais novos da nossa escola foram ao laboratório de química onde a professora Emília Castro fez algumas experiências que deleitaram a pequenada.

Quem melhor do que eles para descrever esse primeiro encontro com o mundo da ciência?

Hoje fomos ao laboratório de química. A professora Emília mostrou-nos experiências muito bonitas.

As experiências parecem mágicas.

Eu gostei da experiência da tina com a bolinha de metal e luminosa, gostei das cores.

O meu colega teve medo do "vulcão".

O vulcão parecia um chafariz.

Eu gostei dos frascos.

Eu quando for tua aluna eu queria fazer as tuas experiências.

No laboratório de química, os materiais parecem mágicos.

Eu quero ir outra vez.

1º B

Escalão D vence campeonato inter-escolar

Os alunos da EPM, escalão D, acompanhados pelos professores de Educação Física, disputaram o último jogo de futebol do campeonato inter-escolar de Macau, saindo vitoriosos e colocados em 1º lugar.

A equipa era constituída por doze jogadores entre os 10 e os 12 anos (5º e 6º anos): João Cardoso (guarda-redes), Ricardo Torrão, Albertino Almeida e Adriano Silva (avançados), Luís Pena, Carlos Estorninho, Miguel Gonçalves e Diogo Silva (médios), Vinício Alves, Luís Amorinho; Alexandre Martella e Gustavo Pedro (defesas).

O jogo decisivo foi contra a escola Hou Kong, tendo este decorrido no campo desta escola. O campo era de terra batida, podendo-se jogar apenas com determinadas sapatilhas estipuladas pelo re-



gulamente do campeonato, sapatilhas de pano e borracha, "Pak Fa Iun".

Foi um jogo difícil, com jogadores competitivos e de condição física semelhante. Foi a primeira experiência dos caloiros da Escola Portuguesa neste tipo

de campeonato, tendo sido assim a sua participação bastante positiva, já que arrecadaram o primeiro prémio. Parabéns rapazes! 🌟

André Yee, 11º A

Tempus & Modus

Jornal da Escola Portuguesa de Macau
Avenida Infante D. Henrique - Macau
Tiragem: 1200 exemplares

Directora: Maria Edith da Silva
Coordenação: Cristina Street e Teresa Sequeira
Paginação: José Sequeira
Redacção: Clube de Jornalismo

Edição electrónica: <http://www.geocities.com/tempusmodus>

